



**A IMPORTÂNCIA DA AMAMENTAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO
INFANTIL: UMA COMPARAÇÃO POR MEIO DA ESCALA BAYLEY III EM UMA
PERSPECTIVA WINNICOTTIANA**

Cristiano de Jesus Andrade¹
Andriele Franco Pereira²
Miria Benincasa³

Propósito

A presente pesquisa teve como objetivo, comparar a relação entre a duração da amamentação e o desenvolvimento infantil, considerando os seguintes aspectos: Cognitivo, linguagem, motor, socioemocional e comportamento adaptativo, contemplando a importância da relação mãe-bebê.

O objetivo deste estudo foi comparar a relação entre a duração da amamentação e o desenvolvimento infantil, considerando a importância da relação mãe-bebê. Foi avaliado também o domínio comportamento adaptativo, as crianças que apresentam melhor desempenho foram as que mamaram por mais tempo: grupo 4 e 5 (crianças amamentadas por mais de 12 meses). Winnicott ressalta a importância da interação mãe-bebê promovida pela amamentação para o desenvolvimento emocional da criança.

Revisão da literatura

Sobre a temática, Winnicott (1983), aponta que o desenvolvimento emocional primitivo considera a hereditariedade, que consiste no potencial inato de desenvolvimento e maturação do bebê; e o ambiente, que apoia, falha ou traumatiza. Entre a hereditariedade e o ambiente está o bebê que, não existe sozinho, mas apenas enquanto ser dependente dos cuidados de outro ser humano, vivendo e acumulando experiências com base nessa relação. Nesse sentido,

¹ Doutor em Psicologia da Saúde pela Universidade Metodista de São Paulo, docente na Faculdade Anhanguera de Poços de Caldas-MG, cristianoandradeepsico@gmail.com .

² Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, docente na Faculdade Anhanguera de Poços de Caldas-MG, andrielepsico@gmail.com .

³ Doutora em Psicologia do Desenvolvimento Humano e Educação, docente na Universidade de São Paulo-USP, Miria.benincasa@gmail.com .

discutir os benefícios do aleitamento materno é de extrema relevância para a relação primitiva mãe-bebê, bem como para o desenvolvimento maturacional do bebê como um todo, uma vez que tal prática segundo os apontamentos do autor irá contribuir para o fortalecimento da singularidade do sujeito em construção, já que acredita que o bebê se constrói da dependência absoluta, partindo da amamentação e caminha para independência relativa, período em que se sente integrado psicossocialmente.

Assim, fica claro que o desenvolvimento infantil depende das relações primárias, especialmente no que tange a figura materna e paterna. A qualidade dessas relações influenciará o sujeito na forma como este se desenvolverá nos aspectos biopsicossociais, bem como nas relações que irá estabelecer ao longo da vida.

Neste sentido, Andrade, Baccelli e Benincasa (2017), ressaltam que o vínculo é o componente básico no processo interativo e é também a mola propulsora de todo o afeto que atravessa as relações. Assim é que se dá o vínculo mãe-bebê, onde a mãe se apropria de seu papel materno e das necessidades do filho quando lhe é apresentada a tarefa do cuidar, o que ocorre mediante interação constante e recíproca entre o par. Uma vez que o ser humano desde o seu nascimento necessita estabelecer sentimentos de confiança e esperança com seus progenitores e obter experiências satisfatórias que venham a lhe proporcionar tranquilidade, nutrição e carinho, fazendo com que ele descubra o que é prioritário, a possibilidade de atingir seus desejos, a controlar sua fúria e assim, amadurecer e desenvolver o seu Eu, em toda a sua plenitude.

O bebê depende dos cuidados do adulto, que o alimenta, protege e atende suas necessidades, garantindo sua sobrevivência. É por meio desta interação e cuidado, que o bebê conseguirá desenvolver sentimentos de confiança, que lhe permitirá constituir relacionamentos íntimos. Caso essas necessidades não sejam atendidas satisfatoriamente, ele poderá desenvolver sentimento de desconfiança, acarretando dificuldades de relacionamento interpessoais (Winnicott, 2005)

Outro fator de extrema relevância é o ambiente no qual o bebê está inserido, sendo que o papel da mãe é fundamental nesse momento, pois o ambiente que envolve a criança é principalmente representado pela mãe (Winnicott, 2005).

Método

Os instrumentos aplicados na referida pesquisa, foram: A Escala de desenvolvimento infantil Bayley III, reconhecida internacionalmente como padrão ouro para avaliação do desenvolvimento infantil, sendo capaz de analisar os diferentes aspectos do desenvolvimento tanto qualitativamente quanto quantitativamente (Viana, Andrade, & Lopes, 2014). Este instrumento é considerado adequado para avaliar crianças de 1 a 42 meses de idade que apresentam ou não deficiências. Fornece resultados válidos e são capazes de avaliar cinco aspectos do desenvolvimento: cognitivo, motor, linguístico, socioemocional, comportamento adaptativo (composto por 10 itens, comunicação, uso comunitário, conhecimento pré acadêmico, saúde e segurança, lazer, autocuidado, autodirecionamento, vida domiciliar, social e motor), (Rodrigues, 2012).

Foi realizado o questionário sociodemográfico, composto por 75 perguntas objetivas e abertas, a fim de obter maiores informações sobre a criança, constam questões sobre dados pessoais, ocupacionais, financeiros, questões relacionadas à gravidez, parto e pós-parto e sobre a saúde e o desenvolvimento do bebê, sendo este, preenchido pelo cuidador. Esse questionário foi elaborado pela coordenadora do projeto a Profa. Dra Miria Benincasa, com a participação das integrantes do grupo de pesquisa.

Trata-se de uma pesquisa quantitativa, na qual os participantes foram escolhidos por conveniência, portanto uma amostra não probabilística (Gil, 1999). Foram selecionadas 403 crianças, para amostra desse estudo, que estavam regularmente matriculados nos CEIs do município de São Bernardo do Campo, sendo agendado um horário com o cuidador para aplicação da escala e preenchimento do questionário sociodemográfico.

Para análise dos resultados, o tempo de amamentação foi dividido em 5 categorias, sendo elas: 1 – Crianças não amamentadas, composto por 19 crianças; 2 – Crianças amamentadas até os 03 meses, composto por 77 crianças; 3 – Crianças amamentadas até os 06 meses, composto por 78 crianças; 4 – Crianças amamentadas até 12 meses, composto por 74 crianças; 5 – Crianças amamentadas por mais de 12 meses, composto por 155 crianças participantes.

Resultados

Os resultados deste estudo serão apresentados, inicialmente, através da caracterização da amostra e, posteriormente, pela descrição detalhada de cada categoria.

Tabela 1 - Caracterização sociodemográfica das mães

Idade	De 15 até 30	91	23%
	De 26 até 35	197	49%
	De 36 até 45	103	25%
	Mais que 45 anos	9	2%
	Não responderam	3	1%
Grau de Escolaridade	Sem instrução	02	1%
	Médio Incompleto	58	14%
	Médio Completo	236	58%
	Superior Completo	80	20%
	Pós-Graduação	23	6%
	Não responderam	04	1%
Renda Familiar	Sem renda	05	1%
	Até um salário-mínimo	34	8%
	Até 3 salários-mínimos	257	64%
	Até 5 salários-mínimos	79	20%
	Mais que 5 salários-mínimos	25	6%
	Não responderam	03	1%
Estado Civil	Solteira	64	16%
	Casada/Amasiada	315	78%
	Separada/Divorciada	13	3%
	Viúva	07	2%
	Não responderam	04	1%

A Tabela 1 representa a distribuição da amostra de 403 mães ou responsáveis pelos participantes deste estudo em relação à idade, grau de escolaridade, renda familiar e estado civil. Observou-se que os responsáveis tinham idades entre 18 e 60 anos, sendo que 49% da amostra tinham entre 26 e 35 anos. O nível de escolaridade predominante foi o ensino médio

completo, representado por 58% da amostra, e 20% da amostra possui graduação. Em relação a renda familiar, 64% dos participantes responderam que recebiam até 3 salários mínimos. No tocante ao estado civil, 78% da amostra eram casadas ou amasiadas, 16% solteira, 3% separada/divorciada e 2% viúvas, apenas 1% não respondeu à pergunta.

Tabela 2 - **Interrupção da amamentação dos bebês**

	Bebê recusou	88	22%
Motivo da interrupção da amamentação	Problema no leite	72	18%
	Retorno ao trabalho	70	17%
	Ainda mama	62	15%
	Mãe interrompeu	48	12%
	Saúde materna	18	4%
	Outros	13	3%
	Gravidez	11	3%
	Não responderam	21	5%
		Total	403

Segundo as informações dos cuidadores, 22% relataram que interromperam a amamentação, pois bebê rejeitou, algumas relataram que gostariam realmente de ter interrompido, outras disseram que prefeririam amamentar por mais tempo, algumas afirmaram que o motivo da interrupção se deu devido a inserção da mamadeira e a novos alimentos. 18% das mulheres relataram que tiveram problema no leite, considerando o leite secar, o empedramento, ou não produziram leite. O retorno ao trabalho, aparece representando 17%. 15% das a participantes disseram que a criança ainda mama. 12% relatou que interromperam a amamentação, entre os motivos expostos estavam a idade da criança, ou por solicitação da creche ou pediatra. 4,5% tiveram que interromper a amamentação devido algum problema de saúde materna, considerando medicação, procedimento cirúrgico, internação, entre outros 3% relataram que foi devido a outros motivos, evidenciando, alergia, refluxo ou intolerância a lactose, pelo bebê, entre outros, como também representando 3% informaram que foi devido a uma nova gestação e 5,5 da amostra não respondeu ao questionamento.

Implicações da pesquisa

A partir dos resultados obtidos, pôde-se perceber que não são objetivos, haja visto o conflito obtido entre alguns grupos, no qual a menor duração da amamentação propiciou um melhor resultado no desenvolvimento infantil. No entanto, é essencial destacarmos o fato de que a pluralidade dos resultados encontrados, as crianças com prolongada duração da amamentação apresentaram um melhor desempenho na avaliação.

Para que haja um pleno desenvolvimento é de extrema importância a relação estabelecida entre o bebê e a mãe, ou seu cuidador primário, pois é a partir dessa relação que serão definidas as bases da saúde mental, ofertados por uma mãe, suficientemente “boa”, a qual atende e satisfaz as necessidades desse bebê..

Dessa forma, é de extrema importância a relação estabelecida entre a mãe e o bebê, como promotor de um desenvolvimento integral da criança. Entretanto, para que se comprove a efetividade do presente estudo, é necessário que novos estudos sejam realizados envolvendo a correlação entre a duração da amamentação e o desenvolvimento infantil, inclusive estudos longitudinais, devido aos resultados encontrados.

REFERÊNCIAS

- Andrade, C. de J., Baccelli, M. S., & Benincasa, M. (2017). O vínculo mãe-bebê no período de puerpério: uma análise Winnicottiana. São Paulo, 14, (1), 1-13. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902017000100004&lng=ptnrm=iso>.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2002). *Acompanhamento do crescimento e desenvolvimento infantil*. Brasília: Editora MS. Recuperado de: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/crescimento_desenvolvimento.pdf
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Rodrigues, O.M.P.R. (2012). Escalas de desenvolvimento infantil e o uso com bebês. *Educar em Revista (Curitiba)*, 43,81-100. Recuperado de www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-4060201200010000



IV SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE
MATERNIDADE E CIÊNCIA - 2024

Viana, T. P., Andrade, I. S. N., & Lopes, A. N. M. (2014). Desenvolvimento cognitivo e linguagem em prematuros. *AudiolCommun Res*, *19(1)*, 1-6. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/acr/v19n1/2317-6431-acr-19-1-0001.pdf>

Winnicott, D. W. (2005). A família e o desenvolvimento individual: subtítulo do livro. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes.